

NO DIA A DIA, VIDA QUE SE *TESE*: MEMORIAL CRÍTICO-POÉTICO DAS *VÍDEO-CARTAS (NÃO) FILOSÓFICAS*

Maruzia Dultra.¹

Resumo: Este ensaio é um memorial crítico-poético do processo de criação das *vídeo-cartas (não) filosóficas*, que são método e produto de projeto de tese em curso. O texto traz ao leitor certo intimismo da obra, através de seus bastidores, de modo a provocar-lhe não apenas reflexões, mas também afetos. Transitando entre a arte, a ciência e a filosofia, essas vídeo-cartas engendram uma perspectiva transdisciplinar do conhecimento, que diz respeito à sensação, à comunicação e à vida. Ao realizar uma escrita ensaística, assumo a necessidade de me colocar como pesquisadora que experimenta tanto no âmbito das poéticas visuais, quanto na própria reflexão sobre estas experimentações. Constituo, assim, uma escritura que faz viver a transdisciplinaridade das *vídeo-cartas (não) filosóficas*, para afirmar o compromisso (po)ético do pensamento, seja na academia ou fora dela.

Palavras-chave: Memorial crítico-poético; Processo de criação; Vídeo-cartas; Escrita experimental; Transdisciplinaridade.

DAY BY DAY, LIFE INTER-THESIS ITSELF: CRITICAL-POETIC MEMORIAL OF *(NON) PHILOSOPHICAL VIDEO LETTERS*

Abstract: This essay is a critical-poetic memorial of the creation process of *(non) philosophical video letters*, which are both method and product of this ongoing thesis project. To its reader, the text brings a certain intimate connection with the work through behind-the-scenes aspects in order to provoke not only reflexion, but also affects. Transiting between art, science and philosophy, these video letters engender a transdisciplinary perspective of knowledge that concerns sensations, communication and life. By performing an essayistic writing, I assume my own need as a researcher experimenting both within the ambit of visual poetics and with the very reflection about such experimentations. Thus, I constitute a writing that enlivens the transdisciplinarity of *(non) philosophical video letters* to affirm the poet(h)ics commitment of thought, be it inside or outside academia.

Keywords: Critical-poetic memorial; Creation process; Video letters; Experimental writing; Transdisciplinarity.

¹ Currículo: Doutoranda do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Poéticas Visuais pelo PPGAV/ECA/USP. Bacharela em Comunicação Social pela UFBA. Foi bolsista de Iniciação Científica PIBIC-UFBA (2005-2008), na área de artemídia, período em que realizou obras autorais e coletivas de vídeo, performance telemática e videodança. Em São Paulo, foi assistente da artista e pesquisadora Branca de Oliveira no Atelier Paulista, e coordenou a editora n-1 Edições. Atualmente é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) e integra os grupos de pesquisa certificados pelo CNPq: Poética da Multiplicidade - Produção de Imagens com Processos Criativos em Vídeo Digital (ECA/USP), e RETINA.INTERNATIONAL (Recherches Esthétiques & Théorétiques sur les Images Nouvelles & Anciennes, Université Paris 8/Institut National d'Historie de l'Art). maruziadultra@gmail.com

Teser é o verbo de quem tece uma tese. Há um cotidiano do pesquisar, um cotidiano pesquisado, sobretudo quando essa pesquisa é realizada através dos olhos. Por isso as poéticas visuais me embrenham desde o despertar, quando inclino meu olhar para um primeiro raio de sol, para a textura do cobertor, para minha própria pele ou minha imagem no espelho. Os movimentos imagéticos sonhados parecem, nessa hora, reivindicar sua carne, mas o mundo onírico não encontra seu correspondente na lógica do mundo dito real. Daí o lugar da arte reservar este espaço da dúvida, da suspensão, que faz oscilar os pressupostos mais rigidamente estabelecidos a favor da força inventiva.

O desafio a ser aqui vivido é a utilização da cifra aceita, da qual não escapamos na academia: a palavra. Ao mesmo tempo, ela é comunhão, é o elo de nossa vida em grupo. É nesse sentido que trago com este ensaio um estado do meu pensamento enquanto criadora, entendendo que ele se inscreve não apenas nas *vídeo-cartas (não) filosóficas* que produzi nos últimos três anos (2015-2017) no curso de doutorado, mas também no modo de realizar esta escrita através de um memorial crítico-poético. Com este testemunho, convido o leitor a se tornar espectador, abrindo a *Caixa Portal*,² além de desejar fazer viver a natureza transdisciplinar da obra em questão, entremeando a arte à ciência e à filosofia.

As imagens seguintes iniciam seções nas quais apresento impressões das respectivas vídeo-cartas, numa espécie de diário de pesquisa feito em retrospecto. O formato é uma incrustação do vídeo no texto, ultrapassando a mera descrição, senão, antes, explicitando as entrelinhas do processo criativo, expondo sua intimidade. Este foi o método que encontrei para construir o modo reflexivo que aqui pretendo. No entanto, vale o alerta de que não intento fornecer uma “chave” para a obra, pois ela, em si, já é aberta.

Demora

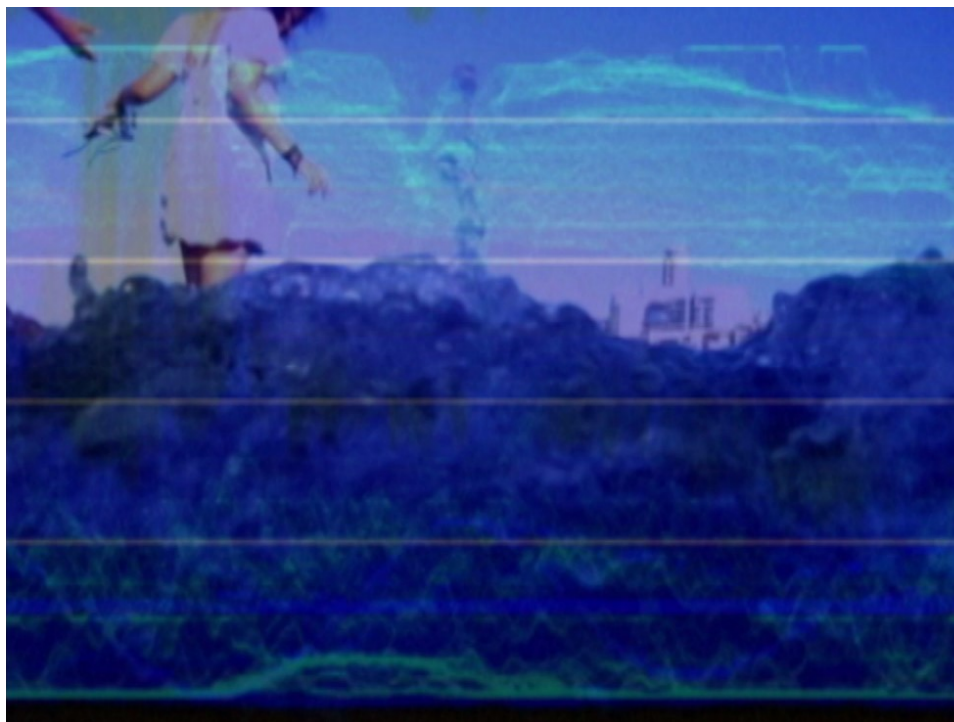


Figura 1. Frame da vídeo-carta *Demora*.

Fonte: Autora. Disponível em: <<https://youtu.be/8vcleRA0TAg>>.

² As *vídeo-cartas (não) filosóficas* estão disponíveis no canal de vídeo *on line Caixa Portal*: <<https://www.youtube.com/channel/UCMvUocjq87WsXfzRFhSQbIq/videos>>.

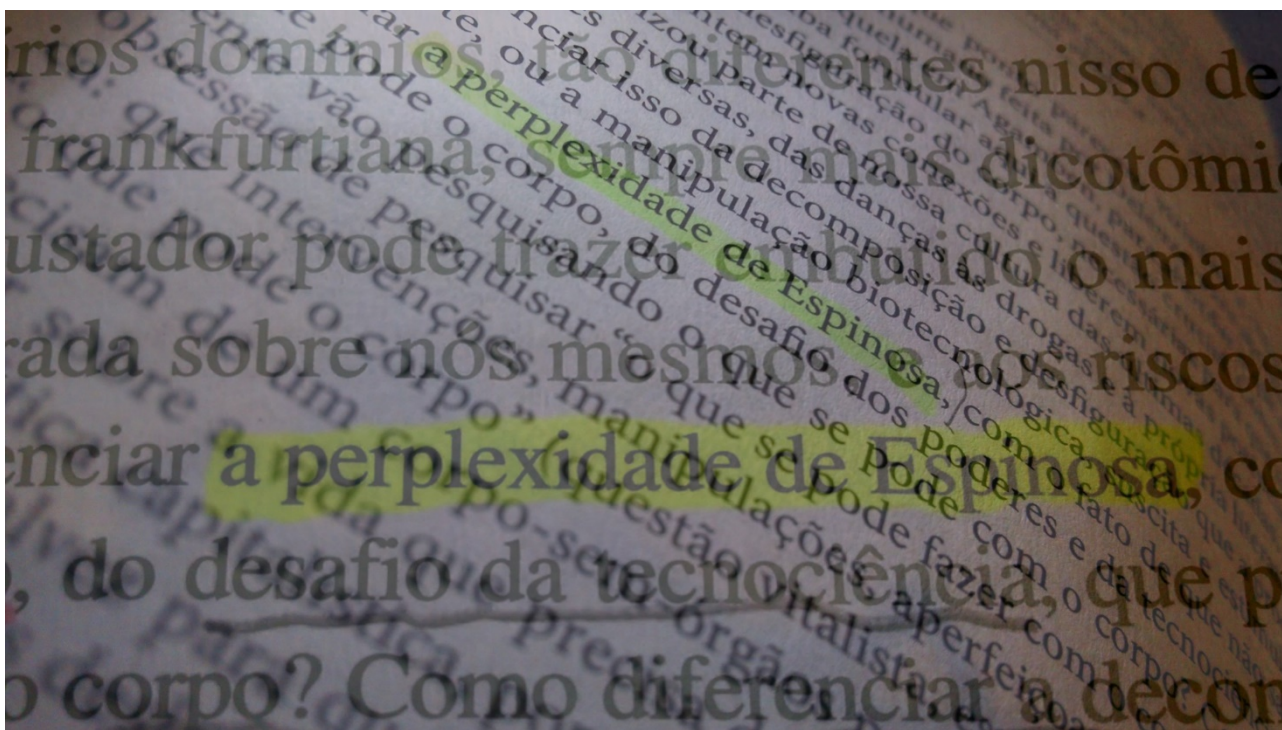
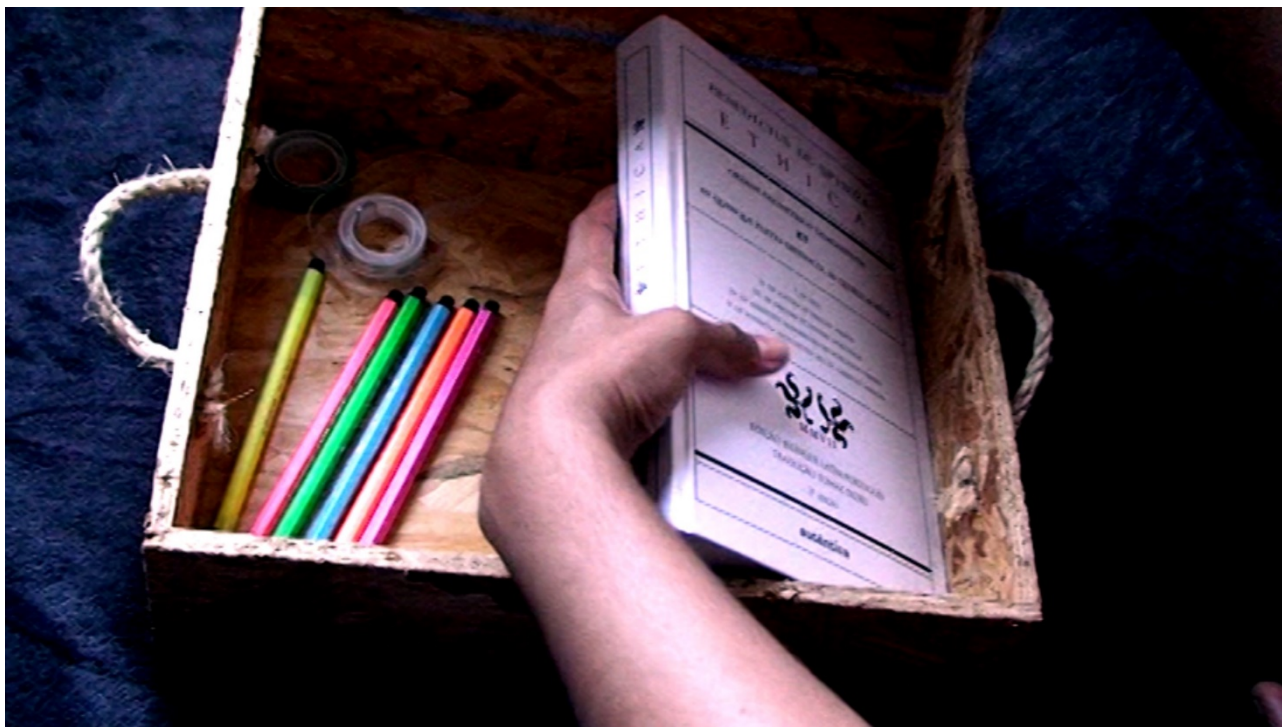
Parto da imagem. Para dar a ver o seu verso partido, meu verbo partir... Na imensidão marina, há um toque que se desfaz, um gesto que se repete com a intensidade das lembranças. Por quantas vezes, afinal, voltei atrás, quando precisava seguir? Os momentos se confundem na memória, as sensações... O céu azul, o mar azul, sua profundidade silenciosa. Olho para este silêncio, frente a frente, ele me suga todo o fôlego. Nada mais para contar, nada mais para falar: o que importa no mergulho é entornar a superfície. As vagas sonoras se misturam com as cores, este vídeo-haikai se compõe em sutileza... Foi por causa das ondas, que não se cansam, em seu infindo ir e vir. Foi por causa de você, por demoradamente querer.

Há um pretérito presente que envolve toda esta criação. Não resisto em voltar aos cadernos das aulas que eu antecipava em mim, que não passam... Eles me fazem ouvir sua voz de professor-poeta, me emprestam um pouco que seja daquela atmosfera em que eu me agigantava mais do que podia, ou menor me tornava – bem menor, minúscula. E, nessa minusculidade, experimentava as maiores das aventuras, a de sentir coisas estranhas sem saber dar nomes, a de pressentir um conceito sem nem mesmo entendê-lo. *Foi assim, como ver o mar...* Me encontrava absorta, sem saber como dizer tudo que intuía, nem por quê. Este é o lado de lá, o porto que deixei.

Por aqui, aportei. Do lado de cá, cada vez que eu chego (nas infinitas voltas), aparece um porto diferente. Ou pelo menos a mim parece. De estrutura simples, beirando uma precariedade tal que me anima a subverter as formas. Quando digo o que, eles me perguntam para quê. Para que escrever, para quem? Sigo postando os envios (não) filosóficos, apostando na sua audiência secreta, que, há muito, já não tem secretude alguma. E que agora não mais desejo que seja apenas sua, revelo ao leitor o caminho, nada mais de correio, a privacidade do endereço violada, a facilidade da rede... Esta hora haveria de chegar – ou continuar fazendo obras para o círculo do íntimo? (Expor na estante do amigo, na tela do professor, ao invés da galeria, do museu e livraria...).

Assim, divulgar a obra como uma *Caixa Portal* (na internet) é compartilhar a esfera de intimidade que estabeleci numa relação epistolar com o professor-poeta, querendo também afetar outros corpos, promover outros encontros – da lente com a pele, da palavra com a imagem, do óbvio com o inusitado, do filosófico com o não filosófico... É de Gadamer (2010, p. 114) a alegre conclusão: “Talvez também digamos de um bom livro de um gênero científico ou mesmo de uma carta: trata-se claramente de literatura!” É na hesitação do “(não)” que está a potência deste trabalho, feito institucionalmente no âmbito da ciência. Quando afirmo isso, estou acolhendo as falibilidades do novo formato, hesitante, sem deixar de acreditar nele como uma via para o exercício do pensamento, pois este depende de certo grau de permeabilidade para se pôr em movimento.

Parto da palavra



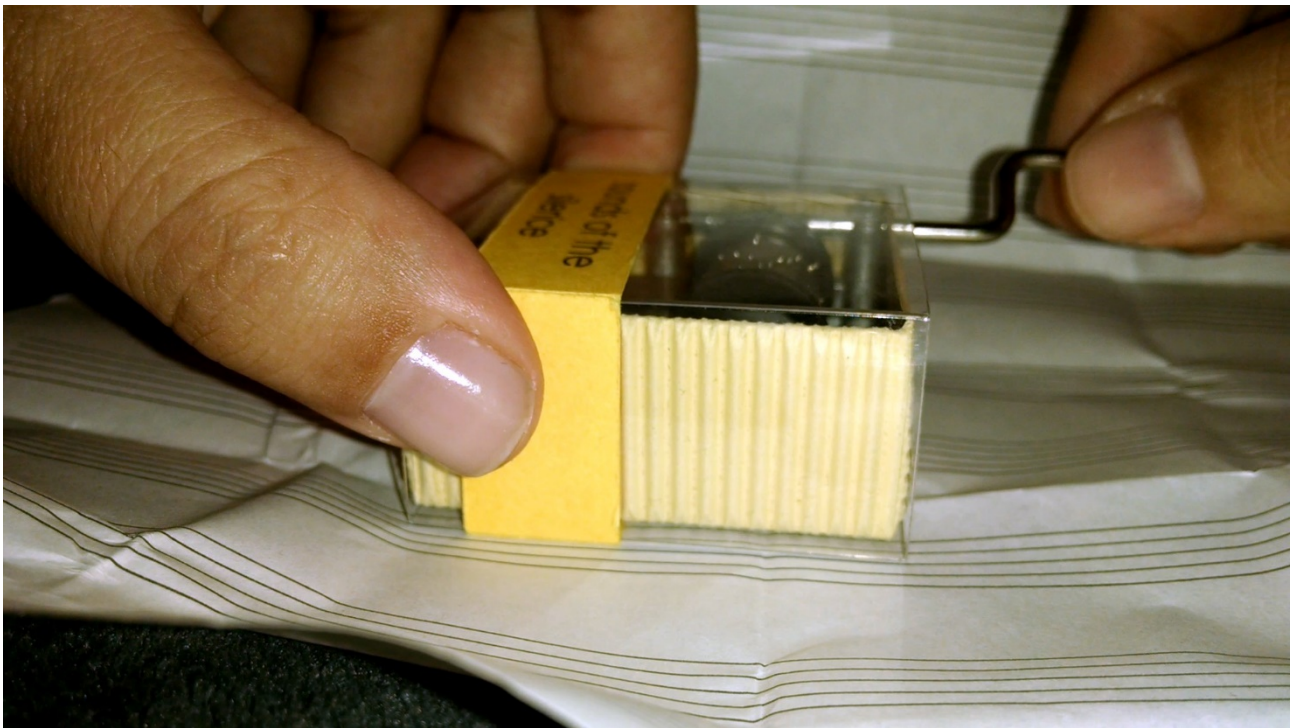


Figura 2. Frames da vídeo-carta *Parto da palavra*.
Fonte: Autora. Disponível em: <<https://youtu.be/z6GLcXZmLlg>>.

A palavra nascida de suas mãos promove a aparição de um novo corpo, ao qual chamo de *corpoimagem*. Por entre sua pele, sinto um contato direto com o que chama você, sua densidade sensível, seu ser para o outro. Me encoraja a seguir arriscando – e novamente partir? Me parto em mil pedaços, me tornando tão vasta quanto um caleidoscópio e você, vasto como o mar, que vai e vem... O *corpoimagem* é amplo também, indefinido, difuso. Em mil pedaços faço igualmente com os livros que abraço nesta vídeo-carta. Recorto as páginas para colar as falas preferidas na tela: Spinoza (2013) sobre o corpo humano, Pelbart (2013; 2009) sobre o invivível, sobre a perplexidade de quem estuda o corpo. E talvez o segredo, o clichê do segredo seja uma frase de Lispector (1999, p. 106) que encontrei como um presente: “No fundo ela não passara de uma caixinha de música meio desafinada.” A caixinha que aparece e desaparece, ela ressoa *os sons do silêncio*,³ como seu olhar, que não se diz mais do que pode. Nessa cintilância, algo de insuspeito surge, nos planos mínimos, nas vozes ruidísticas. Algo que nos ultrapassa a comunhão, ainda estando dentro dela.

O ato de recortar o papel do livro *Ética* foi contundente enquanto uma videoperformance minimalista, na qual só as mãos estiveram em quadro. Porém, quanta sutileza em escolher aquele trecho exato! E por puro acaso... “O corpo humano tem necessidade, para conservar-se, de muitos outros corpos, pelos quais ele é como que continuamente regenerado.” (SPINOZA, 2013, p. 105). A escrita mântica de Spinoza (2013), ao modo de um geômetra, me impulsionou a usar a leitura de seus trechos como textura sonora, mesmo que ininteligível num primeiro momento. Reforçando o mantra, os mesmos trechos foram repetidos na sequência, desta vez com uma voz em primeiro plano. A opção pelo encavalamento de vozes também foi para criar uma nova textura, enfatizando que “O corpo humano tem necessidade, para conservar-se, de muitos outros corpos, pelos quais ele é como que continuamente regenerado.”...

A mão que recorta, a mão que cola, a mão que escreve é também a mão que abre o silêncio de uma partitura vazia... O que tocaria a orquestra, afinal? Por isso a singela engenhoca de uma caixinha de música à manivela é capaz de fazer ressoar o som preciso, quase luminescente, deste vídeo. Ao mesmo tempo, as imagens desfocadas trazem certa imprecisão, pintando a tela e elevando

³ Referência à música “The sounds of silence”, de Paul Simon (1964).

a sutileza sonora. Há alguma coisa de pueril e trágico em ser uma caixinha de música meio desafinada... Não servir para a orquestra, afinal, mas ter sua partitura própria – vazia, a ressoar os sons do silêncio. Essas linhas vazias me possibilitaram o desenho de uma relação micropolítica com o conhecimento, na medida em que serviram de campo fértil para a invenção. Longe dos moldes, foram verdadeiras linhas de fuga, que em lugar de um trilho a ser linearmente percorrido me proporcionaram uma trama labiríntica. E eu pergunto, ao final do vídeo: “Se o labirinto está na pele, o que pode ser a linha?”

Estou me referindo ao “fio de Ariadne”, que, na mitologia grega, foi dado a Teseu para que este enfrentasse o Minotauro que residia no labirinto construído por Dédalo. O novelo de linha foi preso, em uma das pontas, diante da porta do lugar, enquanto Teseu o adentrava. O fio serviu, assim, de marcador da trilha percorrida, o que possibilitou sua saída vitoriosa. Nesse sentido, considero que meu interlocutor primeiro das vídeo-cartas atua como uma espécie de “fio metodológico” que é referencial teórico, docente e poético, formando um campo amplo de afetação, indecível, através das escrita e vida filosóficas, ainda que sob a postura de uma “potência do não agir” (DELEUZE; GUATTARI, 2010; AGAMBEN, 2014). Essa potência do não agir me legitima o direito a estabelecer uma relação lacunar na qual emanam inspiração, estímulo, sobrevivência poética. É se relacionar com a ausência presente do outro. Assim se estabelece a dinâmica de nossa correspondência, na qual eu poderia forjar respostas em “cartas roubadas”, mas me recolho no aguardo da *vídeo-carta por vir...*

história infinita



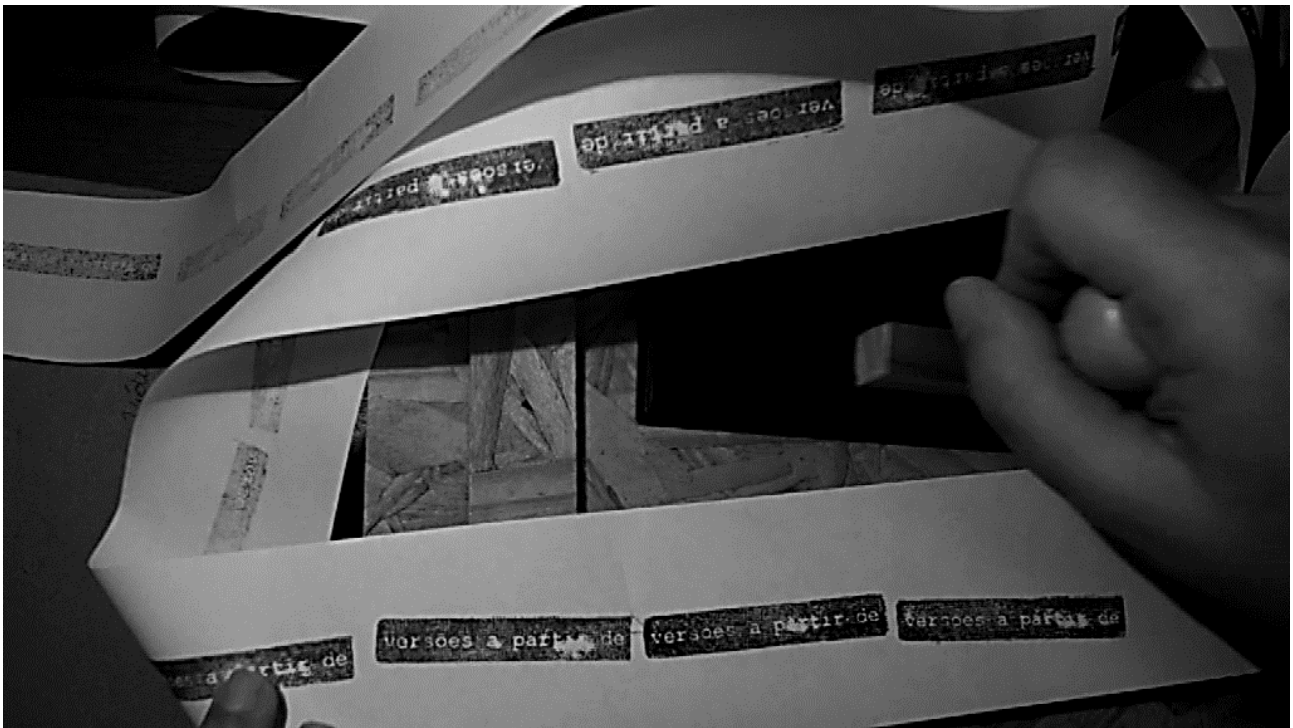


Figura 3. Frames da vídeo-carta *história infinita*.

Fonte: Autora. Disponível em: <<https://youtu.be/TBKzrQA1wi0>>.

VERSÕES A PARTIR DE | VERSÕES A PARTIR DE | VERSÕES A PARTIR DE...

O clichê do carimbo está também em seu uso: o ato de carimbar. Foi, pois, repetindo-o que cheguei à “história infinita”, em que versões se desdobram em novas versões, tornando improvável que se chegue a uma conclusão. Tal multiplicidade é uma metáfora dos discursos sociais, incluindo o artístico, que, no entanto, são combatidos, de forma geral, pelo discurso científico, que a tudo quer enquadrar em rótulos que corroborem uma verdade. Afirmar um conhecimento construído assim, a partir de versões, é liberá-lo dos moldes dados, que acorrentam o pensamento e embargam a criação em seu sentido mais radical.

Com essa proposição, não quero eximir a pesquisa em artes do rigor, mas ressaltar a necessidade de um *rigor outro*, conforme ideia desenvolvida por Galeffi (2009) em relação às pesquisas qualitativas. Nesse sentido, convoco as ideias de Nicolescu (2015, p. 43) sobre a pluralidade complexa da transdisciplinaridade, ele diz: “A complexidade nutre-se da explosão da pesquisa disciplinar.” A ela, somam-se outros dois pressupostos transdisciplinares: a coexistência de diferentes níveis de realidade e a lógica do terceiro incluído, para a qual o preto é branco, o homem é mulher, etc. É interessante pensar para esses pilares a relação com a arte, que irradia portais de percepções e sentidos muitas vezes paradoxais. Assim, é como se a arte fosse, por natureza, transdisciplinar. Querer reduzi-la a disciplinas estanques é uma asfixia que compromete sua existência.

Desfio-a-fio



Figura 4. *Frames da vídeo-carta Desfio-a-fio.*
Fonte: Autora. Disponível em: <<https://youtu.be/bTT0cRzuRrU>>.

A tessitura é feita fio a fio, enquanto eu desfio-a-fio... A caixa que abrigava papéis, livros e caderno, agora resguarda uma grande pele, tecido de seda formando dobras instáveis, que se fazem e desfazem ao movimento da câmera, que é um olho que quer tocar. Nesse labirinto de texturas, portanto, se inscreve um modo háptico de ver, que traspassa o contato visual, conferindo ao olho uma espécie de contato tátil, conceito desenvolvido por Marks (2001) e Deleuze (2007). No

movimento de cada linha que se desagrega do conjunto têxtil, escrevi na tela palavras de Uno (2012, p. 77) que, para mim, são poesia tirada de um livro de filosofia: “O que existe entre? Nada e muita coisa. Os limiares sob os limites. Este pequeno nada, talvez, tão importante e crucial.”

É nessa zona limítrofe que foram criadas estas *vídeo-cartas (não) filosóficas*. O filósofo acha que elas estão para além de sua área, o não filósofo diz que elas são pura filosofia, o artista-arquiteto exclama – “É poesia!” Eu as afirmo como experimento, no sentido forte da palavra: uma pesquisa que implica a pele da pesquisadora, que implica em transmutação, metamorfose, estranhamento. “(...) e olha uma pesquisa que não seja um experimento, inclusive consigo mesmo, mas também com todas as áreas e registros que essa pesquisa atravessa, de que serviria?” (PELBART, 2012).

Uma plástica intimidade

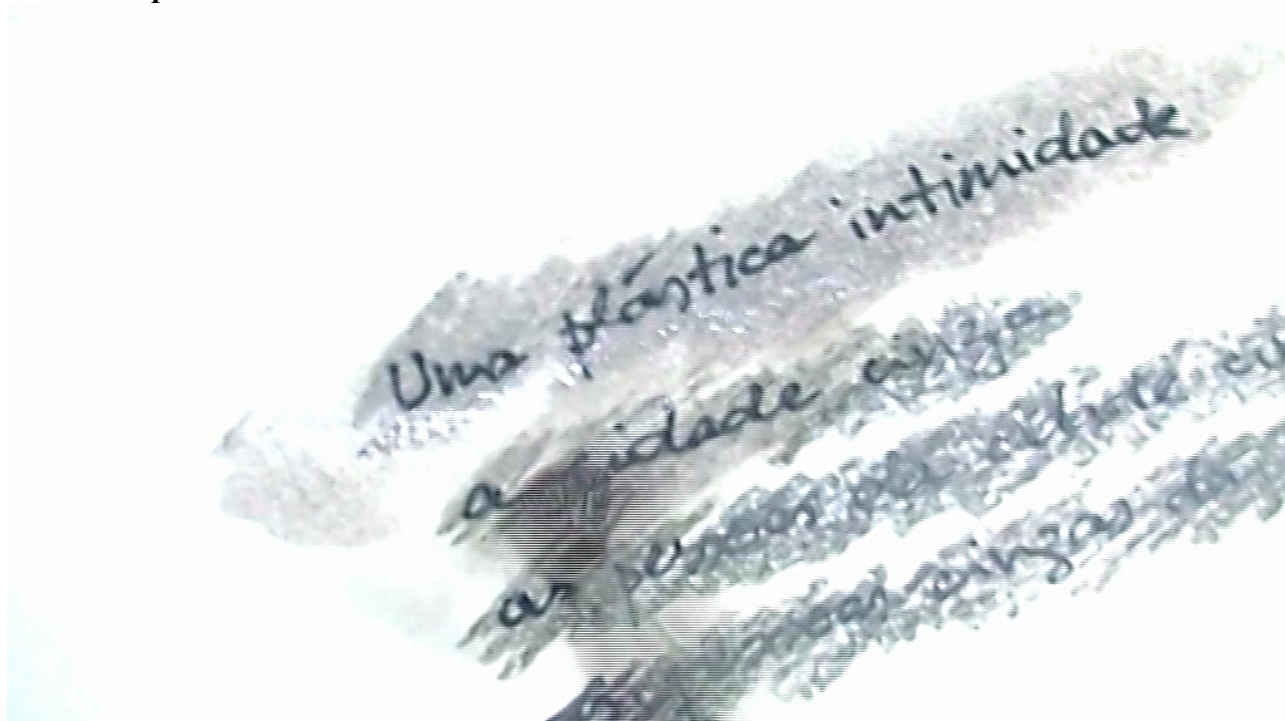


Figura 5. Frame da vídeo-carta *Uma plástica intimidade*.
Fonte: Autora. Disponível em: <<https://youtu.be/MFZEeMYkyDe>>.

A cidade cinza. As pessoas da cidade cinza. As pessoas cinzas da cidade. Se comecei pela cor, finto com ela, mantricamente. Há esta vontade de formar ciclos e estar sempre a recomeçar. Um ciclo nunca é igual ao outro. No entanto, receio voltar lá. Na cidade cinza. Há as pessoas da cidade cinza. Há as pessoas cinzas da cidade. Esse poema me surgiu quando detectei um modo de subjetivação ao qual chamei de intimidade plástica. Ela fez parte de meu trânsito durante o curso de mestrado, me marcando tão fortemente a ponto de me desfazer em cinzas... Me sobrou, então, os cinzas das minhas cinzas e foi com esta poesia em cor(po) que me soergui, com a sutil fortaleza das águas que desmancham o cinza concreto que empareda o poema. *Cinza como o concreto da poesia concreta...*

Os concretistas reclamam para o poema uma estreita relação estrutura-conteúdo, no “plano piloto da poesia concreta” (CAMPOS, A.; PIGNATARI; CAMPOS, H., 1958). Para eles, é preciso que a palavra esteja encarnada em um corpo que a sustente também visualmente, e não apenas no significado. Assim, o ideograma seria o exemplo ideal para pensar essa proposta – e me parece curioso, então, que uma das primeiras experiências do gênero vídeo-carta tenha sido realizada, justamente, por poetas japoneses, a saber: Shuntarō Tanikawa e Shûji Terayama. Eles se

corresponderam entre 1982 e 1983, trocando inquietações sobre a linguagem (não) verbal nas quais levantaram aspectos da relação entre objeto, palavra e significado. Já no caso da correspondência aqui em questão, tenho como foco as discussões em torno da articulação palavra-corpo-imagem.

Por muitas vezes, essa associação é sorrateira, já que o corpo assume uma ampla variedade de acepções. (Aqui continua a ser válido o debate travado por Tanikawa e Terayama). Por isso minha busca conceitual nas *vídeo-cartas (não) filosóficas* foi turva desde o início, embora eu perseguisse de forma obstinada uma intuição (o que já tem uma força propulsora em si). Daí o cunho transdisciplinar desta investigação – criar conceito por intuí-lo... Me autorizar as reticências. É Deleuze (2011, p. 147) quem diz: “Ver brumoso, ver turvo: um esboço de percepção alucinatória, um cinza cósmico.” Não por coincidência, é o cinza que se relaciona com uma espécie de aparição – esta também pretendida por mim na pesquisa:

Do cinza ao vermelho, há o aparecer e o desaparecer do mundo no deserto, todas as aventuras do visível e de sua percepção. (...) A cor é movimento, é desvio, deslocamento, deslizamento, obliquidade, tanto quanto o traço. Ambos, a cor e o traço, nascem juntos e se fundem. (...) sempre em movimento, os grandes traços coloridos por camadas, as cores feitas a largos traços. (DELEUZE, 2011, p. 147-148)

Aproveitando a temática, retomo um aspecto da função háptica. A modulação da cor participa dos dois modos: a organização ótica (luminismo) e a composição háptica (colorismo). É na relação de tonalidade do colorismo (cores quentes/ cores frias) que se alcança a representação de luz e sombra na imagem tátil. “O cinza como potência da cor matizada é muito diferente do cinza como produto do preto e do branco. É um cinza háptico, e não ótico.” (DELEUZE, 2007, p. 177). Estranho que uma cor tão tocante (agora entendo que ela o é) tenha sido a escolhida para meu “poema de concreto”...

A vídeo-carta por vir

A vídeo-carta que está por vir não é feita por mim, não apenas em nossa relação. A vídeo-carta por vir foi gravada em seu cotidiano, é você me dizendo a data da filmagem, seu turno, embora eu já pudesse adivinhar pela incidência do sol... A vídeo-carta por vir me denuncia o sabor de seu chá, me faz sentir a temperatura, se ideal para tomar agora ou alguns minutos depois. A vídeo-carta por vir fala a trama de sua voz, minha armadilha confessa. A vídeo-carta por vir não é uma de suas belas cartas que vai ler, é algo mais para ver. A vídeo-carta por vir estende sua atitude simples diante da vida caótica, transforma esse caos numa caosmose, como queria Guattari (1994). A vídeo-carta por vir tem mais de imaginação, faz acender nosso imaginário, é alguma coisa que explode. A vídeo-carta por vir é suave, macia, mesmo abalando tudo. A vídeo-carta por vir também é mântica, se tornará meu amuleto, como o é o livro de Max Martins para Lima (2013). A vídeo-carta por vir virá, mesmo depois de mim... A vídeo-carta por vir é uma continuação. Ao mesmo tempo, ela é o limite, ali onde o pensamento se esgueira, na ponta da palavra. Então lembro de Barthes (1987, p. 98): “A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras. (...) Minha linguagem treme de desejo.” A vídeo-carta por vir deseja – o quê? Ela deseja. Deseja sua própria existência. Ou sou eu? A vídeo-carta por vir, através de você, sustenta o compromisso ético e poético do pensamento, seja na academia ou fora dela.

Referências:

- AGAMBEN, Giorgio. Sobre o que podemos não fazer. In: AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 69-73. (col. Filô/Agamben)
- CAIXA Portal. 2015-2017. Série de *vídeo-cartas (não) filosóficas*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCMvUocjq87WsXfzRFhSQbIq/videos>>.
- CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. plano piloto da poesia concreta. *Revista Noigandres*, n. 4, São Paulo, mar. 1958. Disponível em: <http://www.poesiaconcreta.com/texto_view.php?id=1>. Acesso em 28 fev. 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011. 2ª ed. Trad. Peter Pál Pelbart. (col. TRANS)
- _____. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. Trad. Roberto Machado (Coord.). (col. Estéticas)
- _____; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 2010. 3ª ed. Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. (col. TRANS)
- GALEFFI, Dante. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 13-73.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992. Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. (col. TRANS)
- LIMA, Élide. *Cartas ao Max: limiar afetivo na obra de Max Martins*. São Paulo: Invisíveis Produções, 2013.
- MARKS, Laura. *The skin of the film: intercultural cinema, embodiment, and the senses*. Durham/London: Duke University Press, 2000.
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 2015. 3ª ed. 1ª reimp. Trad. Lucia Pereira de Souza.
- PELBART, Peter Pál. Carta de avaliação da dissertação *Corpografias: incursão em pele imagem escrita pensamento*. 13 dez. 2012. Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGAV/ECA/USP). [Não publicada]
- _____. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições, 2013.
- _____. *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2009a.
- SIMON, Paul. *The sounds of silence*. 1964. In: Álbum “Wednesday Morning, 3 A.M.”.
- SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 3ª ed. 1ª reimp. Trad. Tomaz Tadeu.
- TANIKAWA, Shuntarō; TERAYAMA, Shūji. *Video Letter*. 1982-1983. Série de vídeo-cartas.